

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : Yam 1917

DATA : 27 09 90

PG. : A-4

Ação ianomami é adiada para depois da eleição

Do Correspondente em Boa Vista

A operação ianomami para a destruição de pistas clandestinas em reservas indígenas de Roraima foi novamente cancelada. Com reinício previsto após as eleições, com a dinamitação dos campos de pouso e a expulsão de garimpeiros, a operação foi suspensa por falta de dinheiro, segundo o administrador da Funai, João Carlos Nicolli.

Até lá, enquanto não é confirmado o repasse de verba, os agentes da Polícia Federal e técnicos da Funai utilizarão helicópteros da Força Aérea Brasileira (FAB) numa ação chamada "pré-operação". Todos os garimpeiros encontrados explorando ouro em terras dos ianomamis serão avisados para deixarem a área. Caso não obedeçam, as tropas do Exército farão a expulsão.

O coordenador-geral da operação, Sebastião Amâncio da Costa, passou o dia hoje em Surucucus, acertando com o Pelotão Especial de Fronteira a utilização de barracões e casas para abrigar as equipes. Dois funcionários da Procuradoria Geral da República — cujos nomes não são revelados pela Funai — também sobrevoaram a região habitada pelos ianomami. O subprocurador da República, Carlos Victor Muzi, estava sendo esperado em Boa Vista, mas não apareceu.

A operação ianomami vai explodir inicialmente 30 pistas, entre elas uma pertencente ao líder garimpeiro e candidato ao Senado por Roraima, José Altino Machado (PMDB). Em agosto, a operação foi orçada em Cr\$ 150 milhões. Só na explosão das pistas, algumas delas refeitas depois da primeira dinamitação, serão utilizadas 20 toneladas de explosivos plásticos.

A maior preocupação da Funai é com as condições de saúde dos índios, doentes de malária, tuberculose, desnutrição e doenças venéreas. Até 1987, casos de malária nas reservas ianomami eram raros.

Na maloca Botomata, próximo dos garimpos, 66% dos índios estão contaminados de malária e tuberculose. No Paapiu, a primeira reserva invadida, a situação é grave. Foram constatados 166 casos de malária, 63% deles do tipo de "falciparum", a mais letal. Nessa reserva não havia garimpeiros.